Sob pressão da China, Obama direciona foco para América Latina

Geografia

Enviado por: Visitante

Postado em:18/03/2011

Por Agência Reuters O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, viaja para a América Latina nesta semana em busca de reafirmar a liderança econômica dos EUA numa região onde Washington enfrenta uma crescente concorrência com a China. Em sua primeira viagem ao sul da fronteira em quase dois anos, Obama visitará uma região onde muitos duvidam que um presidente preocupado com os problemas internos e as crises no Oriente Médio e no Japão tenha muito a oferecer à América Latina, que cada vez mais busca uma voz independente. Entre 19 e 23 de março, Obama passará pelo Brasil, maior potência regional, pelo Chile, que é um caso de sucesso das práticas de livre mercado, e pelo pequeno El Salvador. O desafio de Obama será convencer os latinoamericanos de que, em lugar de ser o "quintal" dos EUA, a América Latina é vista como uma prioridade para o comércio e o investimento, num momento em que a China está tomando a iniciativa na região. A viagem também tem importantes implicações políticas domésticas. A Casa Branca descreve a América Latina como um mercado fértil para maiores exportações, o que geraria empregos nos EUA - algo que será crucial para Obama na disputa pela reeleição no ano que vem. Mas a América Latina, com um crescimento econômico bem superior à recuperação dos EUA, está se diversificando economicamente e mostrando que não está mais disposta a seguir os ditames de Washington. "Não podemos ignorar o Hemisfério Ocidental, nem podemos tomá-lo como certo, porque outras pessoas estão se movendo de forma muito rápida e eficaz", disse Eric Farnsworth, vice-presidente do Conselho das Américas. Expectativas frustradas Obama criou grande expectativa ao prometer na Cúpula das Américas de 2009, em Trinidad, uma "parceria entre iguais" com a América Latina, baseada no respeito mútuo e em valores compartilhados. Foi uma bem vinda mudança de tom num relacionamento tantas vezes marcado, durante o século 20, pela interferência militar e econômica dos EUA, passando à negligência na última década, depois que muitos países latino-americanos fizeram a transição do regime militar para a democracia. Embora a imagem de Washington tenha melhorado em comparação com os piores momentos da era Bush, e Obama permaneça pessoalmente popular na América Latina, os avanços diplomáticos não se concretizaram - e nem mesmo as esperanças de flexibilização significativa no antigo embargo dos EUA contra Cuba, ou de reforma das leis norte-americanas de imigração. Houve frustração também com o fracasso de Obama até agora em conseguir a aprovação do Congresso para acordos comerciais com a Colômbia e o Panamá, e sobre a reação de Washington - vista por muitos como confusa - ao golpe de 2009 em Honduras. Preocupado com as crises no exterior, com a batalha orçamentária no Congresso e com a sua própria reeleição, Obama parece ter relegado a América Latina à parte de baixo da sua agenda, embora a Casa Branca insista que ele se mantém "profundamente engajado", reunindo-se regularmente com líderes da região em cúpulas mundiais. "Os outros países querem muito ver os EUA envolvidos em assuntos econômicos internacionais e demonstrar liderança", disse Mike Froman, assessor de segurança nacional de Obama, a jornalistas antes da viagem. "Eu acho que o presidente tem feito isso." As autoridades dos EUA esperam que a viagem de Obama - a mais extensa à região desde que ele assumiu o cargo - tranquilize os vizinhos mais próximos dos Estados Unidos e ajude a fortalecer os laços. Nova realidade Embora a

visita tenha sido adoçada com o fechamento de negócios e com acordos secundários, ela renderá mais em simbolismo do que em substância. Mas também será o marco de uma era em que a inquestionável supremacia econômica dos EUA terminou. China e Índia, com seu enorme apetite por matérias primas, têm sido cruciais para o crescimento latino-americano, tornando a região menos dependente do vizinho do norte. O reconhecimento dessa tendência se reflete na escolha do Brasil, maior economia regional e potência mundial emergente, com principal etapa da viagem. Ele quer aproveitar a chance para fazer uma reaproximação, após a chegada da presidente Dilma Rousseff ao poder em janeiro, segundo autoridades norte-americanas. Durante o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva os dois países registraram tensões, especialmente por conta da posição brasileira em relação ao Irã. Desde que tomou posse, a pragmática Dilma tem também buscado essa reaproximação, ao mesmo tempo em que se afasta de líderes antiamericanos, como o venezuelano Hugo Chávez. No entanto, ela deve insistir com Obama para que isso gere resultados. A China já ultrapassou os Estados Unidos como maior parceiro comercial do Brasil, e o governo Obama está determinado a usar a viagem para defender os interesses dos EUA. "Esta viagem é fundamentalmente sobre a recuperação dos EUA, as exportações dos EUA, e a relação crítica que a América Latina desempenha no nosso futuro econômico e nosso mercado de trabalho", disse Froman. Mas ele deixou claro que a China vai ser objeto de discussão entre Obama e Dilma, especialmente as preocupações de ambos os governos a respeito da subvalorização do iuan. Já a visita ao Chile é um reconhecimento a um país que, com apoio dos EUA, seguiu um modelo de livre mercado e estabilidade desde a sua redemocratização. Em Santiago, Obama fará um pronunciamento político à América Latina. O contraponto político ao Chile, governado pela centro-direita, será a escala em El Salvador. Seu recém-empossado governo é liderado por membros de um antigo movimento rebelde de esquerda, que esteve no lado oposto ao de Washington durante a guerra civil no país, mas hoje busca uma aproximação com os Estados Unidos. O itinerário de Obama, portanto, passa a mensagem de que ele quer evitar enxergar a América Latina pelo prisma ideológico que prevalecia sob seu antecessor, o republicano George W. Bush. Mas, embora a visita a El Salvador também deva tratar de questões como a pobreza e os reflexos da guerra às drogas no México, há poucas expectativas quanto a novos compromissos de ajuda, devido a restrições de orçamento dos EUA. Pode haver ainda ressentimentos em países que não serão visitados por Obama. A imprensa argentina, por exemplo, tem tratado a escolha de dois vizinhos pró-mercado do país como uma esnobada na presidente Cristina Kirchner e sua política econômica intervencionista. Esta notícia foi publicada em 16/03/2011 no site www.gazetadopovo.com.br. Todas as informações contidas são de responsabilidade do autor.